

# SUPLEMENTO CULTURAL

Sob a responsabilidade da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras  
Coordenação: Geraldo Ramon Pereira - Contato: (67) 3382-1395, das 13h às 17h | www.acletrasms.org.br

## Hélio Serejo na Roda Acadêmica da ASL

**GERALDO RAMON PEREIRA** - coordenador deste Suplemento pela ASL, Cadeira nº 39

Acontecerá na quinta-feira (30), a partir de 19h30min, no auditório da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, o evento mensal Roda Acadêmica, em programação sempre aberta e que nesta edição terá a participação dos escritores Rubenio Marcelo, Ana Maria Bernardelli e Henrique de Medeiros, que – de forma interativa – relembra a obra e a vida do saudoso Acadêmico/escritor Hélio Serejo, um dos maiores do Estado. Portanto, um imperdível evento – e que escolas/alunos e público diversificado podem desfrutar da seleta pauta.

O confrade Rubenio Marcelo, além de admirador e estudioso da obra de Hélio Serejo, foi seu amigo pessoal, em aproximação fraterna e visitas mais fecundas a partir da época em que o Menestrel dos Ervais retornou seu domicílio ao nosso Estado, vindo residir nesta Cidade Morena no ano de 2005. E em quantas dessas visitas eu também pude me fazer presente, dividindo os instantes agradáveis ao lado dos queridos amigos. E o carismático Serejo sempre nos recebia com sua alegria crioula e com muitas histórias regionais e nativistas... que ouvíamos muito atentamente – e quantas vezes anotamos dados e datas referentes a estas informações do mestre.

Hélio Serejo sempre foi assim, como ele próprio deixou escrito: “Desde meninote eu fui um enamorado, em grau muito elevado, das paisagísticas sertanejas, portanto, dos ‘mistérios’ das coisas charruas”. Natural de Nioaque (MS), ele veio ao mundo em 1º de junho de 1912 e – ao longo de sua vida – publicou cerca de 60 livros. Pertenceu a várias entidades literárias e históricas, dentre as quais o Instituto Histórico e Geo-



Evento Roda Acadêmica da ASL

“O evento Roda Acadêmica da ASL terá nesta edição a participação dos escritores Rubenio Marcelo, Ana M. Bernardelli e Henrique de Medeiros”

gráfico de MS, a Academia Mato-Grossense de Letras e a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, nesta ocupando a Cadeira nº 30, que atualmente pertence a Acadª Marisa Serrano. Na sua infância e juventude, residiu em Ponta Porã e, por muito tempo, em Presidente Venceslau (SP). Faleceu em Campo Grande, na noite

de 08/10/2007.

Escritor, cronista, contista, memorialista, e poeta, Hélio Serejo construiu a sua consistente obra literária nas sendas da fronteira guarani, nas lides ervateiras da região, nas paragens nativas no sul do então Mato Grosso, num ambiente sertanejo, de mestiçagem assim descrita pelo historiador Lenine Póvoas: “Índios, donos da terra, falando guarani; povos de origem e língua espanhola; gaúchos fugidos das lutas de chimangos e maragatos; elementos que desciam da baixada cuiabana; mineiros que se alongavam à procura de campos para criar, todos se amalgamaram, misturando seu sangue, seus costumes, seus idiomas, suas tradições, seu folclore, sua música, daí resultando uma civilização fronteiriça de características inconfundíveis”.

A exemplo de Rubenio Marcelo, que já escreveu vários poemas – e até uma belíssima composição musical, lançada em CD (“Ser Tão Serejo”) – homenageando o saudoso confrade, eu também a ele dediquei alguns versos, como estes deste meu soneto a seguir:

### CANTATA SERTANEJA

(Para o “arauto maior” do nosso chão)

No encantado planalto sul-mato-grossense,  
Bordado de cerrado, ervais e camparias,  
Vê-se um bolo de festa e agrestes iguarias,  
A que seres viventes, por amor, atêm-se:

Índios e brasiguaios em sãs alegrias  
Se unem aos animais com emoção e suspense,  
Todo mundo cantando, em louvor que con-  
vence,  
“Parabéns a Você” – a um rei das pradarias!

É o jus a quem decanta, seja em prosa ou verso,  
– E como ninguém! – nosso matuto universo,  
Um filho nioaqueense, o mais culto e sobejo...

Juntos cantemos, gente minha tão querida,  
Ao centenário de Arte e modelo de vida  
Deste imortal caboclo – nosso Hélio Serejo!

## Reviro

**HÉLIO SEREJO (1912-2007)** – pertenceu à ASL

Comidita de várias iguarias, misturadas com o resto do tambú – do dia ou do anterior.

Se a mistura é feita somente de milho e feijão, o grude tem o nome de cajarê-comandá. Se azedou pelo excesso de calor, fica sendo yacaru-yvai.

Quando está dura mesmo de engolir, o homem do erval, no seu apurado espírito satírico, lhe dá o nome de Yaguá-tambú; mas fazendo cara feia manda-a para o bucho, porque sabe que para llorar hay tiempo, e, o que no hay mimo, é tempo para se perder.

Deglutina tudo, avidamente, sorve longos goles de água, apanha o machete filoso, e pegando o pique estreito da mata, marcha para as erveiras, em busca do tini.

O reviro, comida dormida ou não, é o verdadeiro alimento da raça primitiva. A combinação de vários elementos torna-o forte e substancial. Se lhe agrega um “poquito” de palmito, então, a coisa fica macanuda de verdade, e o homem, assim alimentado, resiste à brabeza da luta, até as horas do anoitecer.

Com um simples guaicuru, e num sapuaitê, tudo fica pronto e o kuimbaé está listo para ir namorar e se envaidecer com a caágua. No reviro, como, também, no lôcro, nós encontramos, sempre, a rude alma nativa e o perfil gauchesco dos bravos peões de todas as ranchadas ervateiras e das estâncias crioulas, que enfeitam o gigantesco palco da natureza sábia e caprichosa.

Mas o peão da fronteira, que também arranha o guarani, sabe que reviro-cunhá significa, na linguagem brejeira dos ervais: misturar-se com a mulher, “juntar os baixeiros” com ela, para uma noite de carícia e amor!

É este o reviro que ele mais aprecia quando sai para farrear um pouco e joga, para um canto, o facão guaçu e o laço Pará, bem trançado...

## O Submarino

**OSWALDO BARBOSA DE ALMEIDA** - Cadeira nº 3 da ASL

Foi publicado anteriormente nesta página um texto de minha autoria, no qual, escrevendo sobre as instalações do Poder Judiciário de primeira instância em nossa cidade, no Mato Grosso indiviso, e depois de criado o Estado de Mato Grosso do Sul, mencionei que o primeiro fórum instalado em imóvel próprio foi construído em terreno da Rua 26 de Agosto, entre a Avenida Calógeras e a Rua 14 de Julho, onde se situavam as instalações de um gerador de energia elétrica, que abastecia a cidade, movido por um motor a óleo diesel, que pertencera a um submarino alemão abatido durante a Segunda Guerra Mundial.

Essa informação, cuja autoria atribuí ao engenheiro electricista Kerman José Machado, foi extraída de um artigo seu contido na publicação denominada “Campo Grande – 100 anos de construção”, editada em 1999 em comemoração ao primeiro século de criação do município.

O ato de emancipação política e administrativa de Campo Grande deu-se pelo Decreto nº 225, de 26 de agosto de 1899, do então presidente do Estado de Mato Grosso, Coronel Antônio Pedro Alves de Barros, cujo artigo 1º dispõe que “É elevada à categoria de villa a paróquia de Campo Grande, constituindo um município da comarca de Nioaque” (grafia da época).

O eminente engenheiro, que foi diretor-presidente das Centrais Elétricas de Mato Grosso, S.A. (Cemat), sucedida pela Empresa Energética de Mato Grosso do Sul, S.A. (Enersul), ambas empresas de economia mista controladas pelos respectivos estados, discorre sobre os primórdios de nossa cidade, as vias e os meios de abastecimento da povoação, antes da chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em 1914, a qual já se encontrava, quando foi escrito o texto, “em lamentável decadência”. Da presidência da Cemat ele foi para a diretoria técnica das Cen-

trais Elétricas do Norte do Brasil (Eletronorte), e daí para a presidência da Espírito Santo Centrais Elétricas (Escelsa), em 1975.

O objeto primeiro do trabalho em comento, como não poderia deixar de ser, é a energia elétrica e a epopeia para suprir Campo Grande desse insumo de primordial importância para o desenvolvimento de uma cidade, uma região, um país, etc. Nele se descreve “como veio a ser a progressão dos serviços elétricos, desde o locomóvel e hidrelétrica iniciais de 1924 aos racionamentos contundentes dos anos de chumbo da década de 50/60.” Entre os anos 1920/1950, houve somente algumas formas de geração local para o consumo da cidade, feitas inicialmente por um locomóvel (máquina movida a vapor d’água), que, inclusive, serviu de modelo para outras localidades.

Esse locomóvel, “instalado pelo sr. Antônio Veronese na Rua 26 de Agosto, o aparelho produziu, com lenha do Cerrado e águas do córrego Prosa, a energia consumida pela cidade até 1924, no local onde mais tarde esteve instalado o conjunto diesel Man/Siemens de 1.250 quilovolts-ampéres (kVA) da Companhia Matogrossense de Eletricidade (CME), o ‘submarino’ como alcunhado, que depois de desmobilizado teve seu terreno ocupado pelo Fórum e pelo Teatro Aracy Balabanian.” Antes do Submarino, existiram pequenas usinas hidrelétricas, como a “Ceroula”, na região do Inferninho, e no Rio Botas, ao nordeste de Campo Grande, com as usinas Botas 1 e 2.

Diz o dr. Kerman que o convite para participar do trabalho de elaboração da publicação comemorativa dos cem anos teria sido, em parte, por sua atuação no processo de eletrificação da cidade e do Estado, que em uma de suas fases, foi, “no aspecto pessoal, o desfile de verdadeiros anos de chumbo, vencidos a duras penas e desgastes físicos, inclusive com a tentativa de invasão de minha residência por vândalos inconformados com os racionamentos”, diz ele. O artigo tem muito mais, porém o espaço é pequeno.

Missões foram os primeiros tropeiros do Rio Grande do Sul. Poderíamos perguntar: sem o boi, o que seria do gaúcho? É, portanto, a alma do gaudério sulino que repontamos numa tropilha de versos, sem pretensão de literatura clássica, tão somente como leitura amena e carinhosa do gauchismo. Mesmo porque o autêntico gaúcho brasileiro não é o herói estabonado, à moda dos cavaleiros medievais, nem tampouco o “gaúcho malo platino” modelado em Martín Fierro.

Como muito bem disse Luiz Carlos Lessa: “Não

## +POESIAS

### Atitude

Todo dia  
um sol se acomoda  
no íntimo do ser.  
Há floração de alegria,  
na tela do amanhecer.

É hora de louvar  
a vida que se faz nova,  
o trabalho que alimenta,  
o amor que clareia o instante.  
Sorrir, agradecer  
e caminhar  
sempre adiante.

**ILEIDES MULLER**

### O ser de hoje

Notícias dadas em aquarela  
Surgem em avenidas  
Vestis disformes  
Cruzam os tempos  
Na faixa de pedestres  
Palavras ecoam dos relógios  
É preciso manter algum diálogo  
Para manter vivo o velho mundo  
Vozes que caminham  
Ao encontro dos dedos  
Línguas que descansam  
Dentro da boca  
Somos apenas  
Seres solitários  
Imersos na multidão.

**MARCOS ESTÊVÃO**

### Anti-salmo por um desherói

a boca na pedra o levava a cacto  
a praça o relvava de passarinhos cantando  
ele tinha o dom da árvore  
ele assumia o peixe em sua solidão

seu amor o levava a pedra  
estava estropiado de árvore e sol  
estropiado até a pedra  
até o canto  
estropiado no seu melhor azul  
procurava-se na palavra rebotalho  
por cima do lábio era só lenda  
comia o ínfimo com farinha  
o chão viçava no olho  
cada pássaro governava sua árvore  
Deus ordenara nele a borra  
o rosto e os livros com erva  
andorinhas enferrujadas

**MANOEL DE BARROS**

### Meus haicais

Dois que bem juntos  
comem uma saca de sal  
mui bem se conhecem.

Sementes de caju  
marcavam anos vividos  
pelo índio guarani

De luto vestido  
tristonho canta no galho  
o pássaro preto.

**J. BARBOSA RODRIGUES**

é um peleador por vocação. Se ele que traz, no sangue, a pacatez do açoriano e o coração romântico do espanhol, atirou-se à barbárie de lutas sangüinárias, foi por contingência do meio, da época ou de situação política dominante. Porque mais forte que tudo sempre gritou o sangue legado pelos charruas, minuanos e guaranis, povos que souberam morrer agarrados à querência e à liberdade que lhe queriam roubar”. É esse, em resumo, o perfil do gaúcho brasileiro: amoroso, valente, enraizado no seu chão, trabalhador e patriota.